

CAR-T: primeiro tratamento individualizado contra o câncer ganhará espaço no SUS

20 DE JANEIRO DE 2023

Fonte: Jornal O Globo – RJ

The logo for O GLOBO, featuring the words "O GLOBO" in a bold, white, sans-serif font centered on a dark blue rectangular background.

Projeto liderado pelo Hemocentro de Ribeirão Preto só tratou dez pacientes com linfoma e leucemia desde 2019, mas passará a atender 300 pessoas no sistema público.

Por Rafael Garcia — São Paulo

O tratamento mais moderno que existe hoje no Brasil contra leucemia e linfoma é uma realidade acessível a poucos. Apenas dez pacientes tiveram acesso à sofisticada terapia de "células CAR-T", técnica totalmente

individualizada.

Os profissionais extraem glóbulos brancos do paciente, submetem o material a alterações genéticas, e o reinserem no organismo para atacar o tumor. Um projeto liderado pelo Hemocentro de Ribeirão Preto (SP) espera que até 2025 o procedimento seja oferecido a 300 pessoas por ano no Sistema Único de Saúde (SUS), mas os cientistas esperam recrutar pacientes a partir de maio deste ano.

O Hemocentro recebeu no fim do ano passado uma autorização da Anvisa para ampliar a capacidade de produção das células usadas no tratamento, que hoje são produzidas apenas em escala experimental. Junto com o Instituto Butantan e a USP, o Hemocentro está montando dois centros laboratoriais para processar esse material, treinando equipes para atender uma demanda maior.

Os pesquisadores esperam recrutar a partir de maio um grupo de 75 voluntários que devem se submeter ao tratamento com as células CAR-T produzidas pelo projeto. Passando pelo crivo da Anvisa depois de um ano, a estrutura de capacidade ampliada já poderá oferecer a terapia em caráter regular, com capacidade ampliada. O ensaio clínico vai envolver quatro unidades: os hospitais de clínicas de São Paulo, Ribeirão Preto e Campinas, além do Hospital Beneficência Portuguesa na capital.

Para criar infraestrutura física e treinar equipes, o projeto batizado de Nutera (Núcleo de Terapia Celular) mobilizou cerca de R\$ 180 milhões, captando recursos em diversas fontes, incluindo Fapesp, CNPq, Finep, Ministério da Saúde e investimento direto do orçamento dos centros de pesquisa envolvidos. Os prédios onde as células serão produzidas ficam em dois campi da USP, na capital e em Ribeirão.

Segundo o diretor do Hemocentro, Rodrigo Calado, o projeto necessitou juntar diferentes instituições porque a variedade de especialistas necessários para o tratamento é muito grande.

— O projeto envolve um investimento em pessoal desde o desenvolvimento do estudo clínico até o treinamento de médicos e enfermeiros, além de biólogos, biomédicos, farmacêuticos e geneticistas no laboratório e em todas as etapas da produção de produção das células — conta médico e cientista. — É mais complicado que um remédio convencional, porque a terapia usa células vivas.

Segundo Diego Villa Clé, diretor de patologia clínica do Hospital das Clínicas de Ribeirão, o esforço e o investimento se justificam em razão dos resultados que vem sendo obtidos com as CAR-T no resto do mundo e nos primeiros tratamentos realizados no Brasil.

— Dos dez pacientes que nós tratamos até agora, seis estão livres de doença — diz, explicando os tratamentos disponíveis hoje só apresentam boa resposta em cerca de 20% dos pacientes. — Ainda é muito cedo para a gente chamar de cura, mas as respostas são muito boas, porque esse perfil de paciente tem a sobrevida estimada em algumas semanas ou meses, apenas.

Clé ressalta que esse número é ainda mais significativo quando se leva em conta que no Brasil a terapia está sendo aplicada apenas a pacientes que não reagiram bem a outras terapias. Por enquanto, todos os pacientes selecionados receberam o atendimento na categoria de uso compassivo.